

A IMAGEM DA MULHER NO SÉCULO XIX: EDNA PONTELLIER REFORÇA OU SUBVERTE?

Ana Carla Barros SOBREIRA *

- **RESUMO:** Este artigo visa tecer reflexões sobre a condição da mulher no século XIX a partir da personagem Edna Pontellier, do romance *The awakening*, escrito por Kate Chopin. Neste texto, buscamos evidenciar a importância dos textos literários como ferramenta para análises das subjetividades etnográficas a partir da leitura de símbolos culturais como formas de manutenção de poder e de dominação, que, embora sejam textos ficcionais, traduzem através da verossimilhança a construção social, cultural e histórica de determinado período. Buscamos, a partir de diálogos entre as Teorias Decoloniais, os Feminismos de Fronteira e autores como Butler (2008), Tarrow (2009) e Caetano (2019), que tratam de questões de gênero, construir tensões entre as diversidades políticas, culturais e étnicas expressas no romance, evitando a criação de sujeitos políticos que sejam excludentes, mas sim que construam processos de tradução cultural. A utilização do romance como ferramenta de estudos etnográficos foi subsidiada por autores como Clifford (2008), Gledson (1986) e Lamaire (1989), entre outros.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Etnografia. Feminismos. Literatura Feminina. Teorias Decoloniais.

“A descrição literária sempre se abre para o cenário de outra cena, por assim dizer; ‘atrás’ das coisas desse mundo que pretende descrever.”

Michel Beaujour (1980, p. 109)

Introdução

A utilização de obras literárias como ferramenta de análise nos estudos etnográficos teve destaque a partir dos estudos da antropologia moderna, uma ciência que buscou construir estudos sobre a descrição cultural e que evidenciou

* UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos Linguísticos – IEL – Departamento de Linguística Aplicada – Campinas, São Paulo, Brasil. carlasobreira@bol.com.br.

também análises acerca da subjetividade etnográfica, uma variante recente que, segundo Clifford (2008), destaca os traços de manipulação das construções identitárias humanas enquanto processos artisticamente construídos.

Nesse contexto, o romance como instrumento de análise adquire um *status* de documento, pois etnógrafos, antropólogos, historiadores, linguistas, entre outros estudiosos, têm se debruçado sobre os textos literários e a partir de seus respectivos *locus* de enunciação e têm traçado caminhos para uma melhor compreensão das atividades humanas em diferentes períodos. Gledson (1986), por exemplo, em seus estudos das obras machadianas, destaca que, como muitos outros romancistas do século XIX, Machado de Assis buscou retratar a sociedade em que estava inserido, e Lamaire (1989) postula que, através da análise de obras literárias, podemos estudar os laços entre a escrita e a história em determinado período.

Fora do contexto brasileiro, em *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, James Clifford (2008) constrói um texto comparativo entre o romance escrito por Conrad, *Heart of darkness*, e *O diário e os argonautas*, de Malinowski. Para Clifford (2008), ao estudar determinada obra literária com olhos etnográficos, devemos articular pontos entre a ficção e a cultura em que a obra foi produzida, observando os meios codificados de expressão, os símbolos e as *performances* e, principalmente, a linguagem.

Dessa forma, ao interpretar a realidade em que vive/viveu, o escritor nos fornece, como estudiosos culturais, ferramentas para o entendimento de fatos passados, estabelecendo conexões entre o texto literário e a realidade que ele representa. As narrativas favorecem a mobilidade dos estudiosos entre as fronteiras questionando certezas estabelecidas, ou melhor, questiona as certezas impostas pelos estudos hegemônicos. Neste texto, porém, não nos cabe o papel de legisladores nem estamos julgando se algo se constitui como verdade ou mentira. Buscamos aqui, por meio de uma leitura possível de uma obra literária, questionar se o papel performado por uma mulher no século XIX reforça ou subverte o estereótipo construído social e culturalmente por uma sociedade hegemônica e patriarcal, buscando favorecer um papel interpretativo de mediadores entre culturas e contextos e entre saberes e ações.

Com isso, e ancorados no pensamento das Teorias Decoloniais, buscamos entender os hibridismos culturais expostos no romance *The awakening (O despertar)*, de Kate Chopin, não antecipando conceitos como se fossem constitutivos de uma história universal, mas como uma narrativa contada a partir de uma perspectiva ocidental, hegemônica, patriarcal, no século XIX, que remete a determinado local ou espaço temporal, o que acarreta processos interpretativos quanto à espacialização do tempo e o entendimento de construtos da heterogeneidade.

Por outro lado, se pensarmos politicamente, a análise de um texto literário revela processos *avant-garde* ao introduzir o conceito de agência do sujeito como narrador da história, e, atreladas a essa agência, podemos evidenciar as formações

contextuais, as conexões sociais, as responsabilidades políticas do/da autor/autora. Ou seja, ao tentar resgatar as dimensões de espaço e de tempo, começamos a perceber que as narrativas apresentadas em uma obra literária são formadas em contextos específicos por sujeitos específicos social, cultural e ideologicamente construídos e que, devido a isso, nós como cientistas sociais devemos também assumir nosso papel responsável ao interpretar as complexas estruturas de poder existentes nos espaços do texto, interagindo de forma agonística e antagonística.

Dessa forma, como propõe Bhabha (1990), estamos participando de processos de Tradução Cultural, que são constituídos de processos produtivos, dinâmicos, incessantes, sem pontos de chegada previsíveis, sem consequências controláveis e sem garantias, mas que, por outro lado, são agências políticas claras onde nos propomos a refletir sobre qual a relevância dos hibridismos culturais e dos processos de tradução que estamos construindo, para o entendimento das ideologias totalizantes e homogêneas imbuídas nos estereótipos femininos construídos pelas sociedades patriarcais.

Nesse contexto, ao tomarmos como embasamento teórico os conceitos abordados pelas Teorias Decoloniais e os Feminismos de Fronteira, cabe investigar o modo pelo qual a imagem da mulher do século XIX está marcada pelas questões de gênero, construindo um processo de desnudamento que visa despertar a criticidade e a autorreflexividade nos sujeitos, bem como dar visibilidade a posturas críticas por parte dos escritores e escritoras com relação às convenções sociais impostas pelos sistemas patriarcais, que têm silenciado as mulheres e tolhido seus movimentos.

A mulher do século XIX

No século XIX, a situação da mulher se resumia a manter um papel de subserviência à figura masculina seja ela o pai ou, depois do casamento, o marido. Em uma sociedade que constantemente se desvendou machista, a mulher sempre foi alvo de discriminação, que lhe exigia a submissão aos homens e aos seus parceiros.

Ao lançar um breve olhar para o período medieval, pode-se observar que as mulheres eram governadas pelo simples fato de serem mulheres, e Klapisch-Zuber (1990) evidencia que o controle sobre os corpos femininos e os castigos recebidos por eles eram atribuições dos homens. Aristóteles (*apud* KLAPISCH-ZUBER, 1990) destaca que as mulheres não poderiam direcionar seus desejos nem estabelecer relações com os outros, pois quem deveria cumprir o papel de sobrepujá-las era o homem.

Na Idade Média, a “caça às bruxas” foi um genocídio praticado contra os corpos femininos na Europa e na Américas, expondo muitas mulheres a agressões e à morte. Jacques Sprenger (*apud* OPITZ, 1990), um inquisidor, publicou, no final do século XV, o *Manual da caça às bruxas* e nele fazia referência aos textos bíblicos para justificar a inferioridade da mulher perante os homens.

Já ao final do período medieval, as mulheres começam a assumir diferentes papéis no desenvolvimento das cidades europeias, dando origem a novos modelos de relações de trabalho, ou seja, com o casamento, o homem e a mulher começam a formar novos núcleos de atividades econômicas. No entanto, por mais que as mulheres começassem a se destacar no mercado de trabalho, sua independência pessoal e profissional ainda estava longe de ser alcançada, isso porque, em uma sociedade machista e patriarcal, permanecia a ideia do direcionamento de a formação da mulher ser voltada para a família e para a economia doméstica, não havendo possibilidade de uma formação para a carreira acadêmica ou científica.

Segundo Alves e Pintanguy (1981), no período renascentista, que se constituiu entre os séculos XIV e XVI, o trabalho feminino era depreciado. As mulheres que trabalhavam eram vistas como inferiores pois o trabalho era uma forma de sobrevivência e de manutenção pessoal, e uma mulher “de classe” não deveria trabalhar para se sustentar, mas sim ser escolhida por um “bom partido”.

Nessa mesma linha de pensamento, até o século XIX não se tinha registros de mulheres na universidade, enquanto, intelectualmente, os homens estavam em constante desenvolvimento. Saffioti (1969) aponta que, devido às constantes formas de domínio a que as mulheres eram submetidas, elas começaram a contestar as desigualdades de gênero no que tangia ao trabalho e à educação, e, nesse contexto, um dos grandes exemplos de subversão foi a escritora Olympe de Gouges, que propôs a *Declaração dos Direitos da Mulher*, estabelecendo um grande marco na luta feminista pela igualdade. Outro ponto a ser destacado, no que se refere ao contexto do século XIX, é o surgimento do capitalismo, o que traz grandes consequências para a esfera feminina. Com a implementação das fábricas e o desenvolvimento da tecnologia, as mulheres passaram a trabalhar dentro do setor fabril em condições de trabalho degradantes e com salários inferiores aos seus colegas homens que realizavam o mesmo trabalho.

Espaços de intersecções entre a literatura e a etnografia

No início do século XX, surge uma nova forma do fazer antropológico alinhado a uma nova subjetividade etnográfica. É um momento em que nos deparamos com situações de heteroglossia, um conceito cunhado por Bakhtin (1998) que busca observar a multiplicidade de vozes nos enunciados e onde a extensa variedade de relações e interrelações da linguagem são orquestradas dialogicamente, assim:

[...] as forças centrípetas (que unificam e centralizam o mundo verbal-ideológico) e as, Forças centrífugas (processos ininterruptos de descentralização e diferença, ‘desunião’), em todo enunciado concreto, se (des)- encontram. A ‘heteroglossia’ possibilita perceber o que está na margem, incorporando as formas vivas da linguagem, como processo formativo, flexível, cambiante. Dessa forma, o

processo da fala deve ser compreendido em uma perspectiva mais ampla (como processo da comunicação cultural). (SILVA, 2003, p. 138)

Nesse contexto, os estudos etnográficos passam a repensar os conceitos de linguagem, que se tornam relevantes para a construção social dos sujeitos, e a destacar os encontros e diálogos através das diferenças que buscassem construir relações respeitadas e eticamente apropriadas quanto à experiência humana. O contato com diferentes línguas (multilinguismo) e as situações de heteroglossia incorporam uma justaposição de diferentes vozes, como se construíssem camadas de linguagens que dialogam e transitam entre si.

Dessa forma, a emergência dialógica que surge nos estudos etnográficos torna evidente uma desconstrução quanto ao mito da homogeneidade cultural nos diferentes territórios e vem propor também um novo questionamento quanto ao conceito de cultura. Para Geertz (1989), faz-se importante entender cultura enquanto uma estrutura sobre a qual as ações humanas estão fundamentadas e, portanto, pode-se analisar os conflitos interculturais. Rosaldo (1989) acredita que o aspecto estático que se atribui às estruturas culturais é um fator problemático, uma vez que essas estruturas devem ser observadas em movimento, ou serem vistas como dinâmicas abertas, que se relacionam e que constroem novas formas de relação.

O comportamento humano não se encaixa em estruturas estáticas, e o uso da linguagem deve ser observado como socialmente situado e em constante reconstituição, como propõe Foucault (1996); assim surge a noção do sujeito-agente, e

A possibilidade de perceber o papel complexo dos membros de uma comunidade na constituição de sua cultura ao invés de ver a cultura como uma estrutura normatizadora herdada, que controla unilateralmente seus membros. (MENEZES DE SOUZA, 2010, p. 296)

Desse modo, a literatura, por seu caráter heterogêneo de linguagem, passou a construir, segundo Clifford (2008), documentos importantes para as análises antropológicas, proporcionando o estudo de diferentes verdades e outras perspectivas. Pode-se observar, por meio do estudo de obras literárias, as distintas situações de subjetividades dos sujeitos, como os níveis de linguagem são articulados, as formas de desejo e de filiação cultural.

A utilização do romance como ferramenta para uma análise histórica foi sem dúvida uma revolução para os estudos etnográficos. A escola de Annales, por exemplo, destacou-se ao propor uma mudança de perspectiva para o trabalho dos historiadores, antropólogos, etnógrafos, entre outros, e Burke (1991) tratou essa proposta como uma verdadeira revolução para os estudos historiográficos.

Neste texto buscamos observar a construção de narrativas em obras literárias feitas por mulheres, ou seja, buscamos dar visibilidade a vozes de mulheres por meio de um estudo etnográfico que descortina formas de dominação e de poder, ou seja, um trabalho colaborativo e dialógico que busca construir, como evidencia Anzaldúa (2007), um “feminismo da diferença”¹. Nesse contexto, reconhecemos as formas patriarcais como grandes articuladoras da dominação feminina, mas não como únicas nem como principais, como delinea Kempadoo (2005, p. 61):

Considera-se que racismo, imperialismo e desigualdades internacionais também configuram a vida das mulheres. Além disso, enquanto o patriarcado significa a degradação de feminilidades em todo o globo onde o trabalho e a vida das mulheres são, de diversas maneiras, concebidas nos discursos hegemônicos como menos valiosos que os dos homens e a serviço dos interesses sexuais masculinos, e onde muitas vezes as mulheres são definidas e tratadas pelo estado como cidadãos de segunda classe ou como propriedade dos homens, as mulheres não são simplesmente definidas como vítimas do poder masculino terrível e paralisante ou como grupo homogêneo. Nesta perspectiva, ao contrário, elas são concebidas como sujeitos atuantes, autodeterminados e posicionados de maneira diferente, capazes não só de negociar e concordar, mas também de conscientemente opor-se e transformar as relações de poder, estejam estas enraizadas em instituições de escravidão, prostituição, casamento, lar ou mercado de trabalho. A atuação e atividade feminina, dessa perspectiva, podem então apresentar-se de diversas maneiras, às vezes contestando a dominação e controle masculinos sexualizados, dependendo de condições históricas e contextos culturais específicos.

Assim, adotamos, durante a análise da personagem de Edna Pontellier, uma desconstrução das visões do sujeito “mulher” não apostando na universalidade da identidade feminina e na opressão masculina, mas buscando tecer interseções entre as diversidades políticas, culturais, sociais e étnicas que constituem a categoria das mulheres, evitando a criação de sujeitos políticos excludentes, que não dialogam entre si e nem com a alteridade.

Através dos estudos etnográficos dentro de uma obra literária no contexto do século XIX, não propomos uma observação da figura feminina como universal, que carrega as mesmas crenças, visões de mundo e desejos, mas uma observação de como sua identidade é construída durante a narrativa da escritora Kate Chopin sem estereótipos ou estigmas profundos. Destacamos aqui também a importância do reconhecimento do lugar do Outro, independentemente de nossa própria

¹ Para um melhor entendimento do conceito de Feminismo da Diferença, proposto por Anzaldúa, pode-se consultar seu livro de 2007 que referencio ao final deste artigo.

posição como mulher ou nosso local de fala e, como acrescenta Taylor (2000, p. 242):

No âmbito dessas perspectivas, o reconhecimento errôneo não se limita a faltar ao devido respeito, podendo ainda infligir uma terrível ferida, aprisionando suas vítimas num paralisador ódio por si mesmas. O devido reconhecimento não é uma mera cortesia que devemos conceder às pessoas. É uma necessidade humana vital.

Edna Pontellier e seus despertares: o contexto da narrativa

Edna Pontellier é a protagonista do livro *The awakening*, escrito por Kate Chopin, traduzido para a Língua Portuguesa como *O despertar* e que mais tarde se tornou filme. O romance se passa no século XIX, em Nova Orleans, e Edna, de 28 anos é a esposa de um empresário da cidade. O romance teve sua primeira edição publicada em 1899 e figura entre as obras dos romancistas americanos mais conhecidos, como William Faulkner e Ernest Hemingway.

É considerada uma das primeiras obras do sul dos Estados Unidos, constituindo uma tradição de escritas literárias modernas de autoras como Flannery O'Connor, Eudora Welty, Katherine Anne Porter e Tennessee Williams. É um dos primeiros romances americanos que tem como tema principal as questões femininas, e é considerada uma obra de referência do início do feminismo que desencadeou reações diversas entre os leitores e críticos contemporâneos.

Fazendo um breve resumo da obra escrita por Kate Chopin, trata-se de uma narrativa realista que apresenta importantes comentários sobre questões sociais alinhadas a uma grande complexidade psicológica. A narrativa se inicia com detalhes da família Pontellier: Leonce, o esposo, com uma herança crioula da Louisiana, Edna e seus dois filhos, Etienne e Raoul. O relato começa com a família de férias em um *resort* em *Grand Isle*, no Golfo do México, que era administrado por Madame Lebrun e seus dois filhos, Robert e Victor.

A vida de Edna Pontellier gira, até então, em torno de sua amizade com Adèle Ratignolle, a amiga conselheira, que sempre lhe recorda seu papel de mãe e esposa e de seus deveres para com a família. Mas, durante suas férias em *Grand Isle*, Edna conhece Robert, que se torna seu amante e lhe desperta emoções inconstantes, uma vez que ela tem que conciliar suas obrigações maternas, matrimoniais e seu desejo de estar com Robert. Ao voltar à Nova Orleans depois das férias, Edna inicia um processo de autorreflexão, reavaliando suas prioridades e colocando em primeiro lugar sua felicidade. Nessa nova forma de observação, ela começa a se isolar da sociedade de Nova Orleans e a se afastar dos deveres tradicionais associados à maternidade.

É nesse contexto que Edna vivencia momentos de introspecção, e, quando seu marido faz uma viagem de negócios, ela envia seus filhos à casa da mãe. Estar sozinha lhe concede um espaço físico e emocional que lhe faz refletir sobre o papel que ela exerce como ser humano. Em suas reflexões, Edna busca materializar sua liberdade se mudando para um pequeno bangalô, onde inicia um novo romance com Alcéé Arobin, um de seus antigos pretendentes que tinha a reputação de ser um homem livre em seus afetos. Assim, Edna desperta para sua própria sexualidade e seu primeiro despertar.

Edna também começa a se relacionar com outras pessoas e a construir novas amizades; entre elas está Mademoiselle Reisz, uma pianista famosa na região que concentra sua vida na música e em si mesma, sem levar em consideração as expectativas da sociedade. Sua forma de vida leva Edna a desejar sua independência; era seu segundo despertar.

Eventualmente, Robert, seu primeiro amante, retorna à Nova Orleans, o que os leva a reatar o romance e confessar que estavam apaixonados. Mas o namoro é curto e efêmero. Ao voltar ao bangalô, Edna encontra um bilhete de Robert afirmando que havia partido para sempre, já que não poderia manter um romance com uma mulher casada. O choque é devastador para Edna, que corre de volta à *Grand Isle*, onde havia conhecido Robert, e busca sua fuga definitiva das regras impostas pela sociedade, afogando-se nas águas do Golfo do México, talvez um despertar definitivo.

Uma leitura decolonial sob a ótica dos feminismos de fronteira

Ao observarmos a narrativa construída por Kate Chopin e o processo de construção identitária da personagem de Edna Pontellier durante seus despertares, podemos inferir que é possível pensar a imagem da mulher no século XIX a partir da literatura. As diferenças ligadas à hierarquização do gênero (BOURDIEU, 2009), por exemplo, podem ser observadas através da vazão a libido que conta com a complacência e a permissividade da sociedade quando se relacionam com a masculinidade. As questões de gênero, sem dúvida, são claramente destacadas na escrita de Kate Chopin, na qual a autora evidencia, na construção do romance, como as atribuições sociais do homem e da mulher são social e culturalmente construídas. É nesse contexto que Butler (2008, p. 24-25) aponta que:

Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que o *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino.

E assim a representação dos dois sexos se pauta por uma espécie de assimetria onde “[...] os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-se assim ser vistas como naturais” (BORDIEU, 2009, p. 46). A personagem de Edna Pontellier denuncia os silenciamentos os quais eram impostos a mulher no século XIX. O mundo para a mulher fora da esfera do casamento ou da constituição familiar era impensável no contexto do século XIX, e a construção de uma dupla moral quanto às questões da sexualidade era evidente em meados do século, ou seja, para o homem, atestar sua virilidade era um ato louvável ademais de ser incentivado, enquanto a mulher deveria permanecer virgem até o casamento.

No contexto brasileiro e nessa mesma linha de pensamento, em um estudo realizado acerca das obras de Machado de Assis, Stein (1984) evidencia que o casamento e a manutenção do matrimônio eram imprescindíveis para a sobrevivência da mulher e, segundo a autora, “se o marido por qualquer motivo, principalmente o adultério, resolvesse repudiar a esposa, ela estaria liquidada socialmente” (1984, p. 34).

Dessa forma, a construção dos corpos femininos na sociedade patriarcal do século XIX está imbuída por questões de poder e de construções socioculturais, e, dialogando com essas afirmações, Haraway (1995, p. 22) destaca que “muitas correntes do feminismo tentam estabelecer bases teóricas para uma confiança especial na perspectiva dos subjugados”. Porém, neste texto, acreditamos nas diversas possibilidades de leituras e de construção de sentidos, bem como nos processos de tradução e interpretação cultural que podem ser proporcionados pelas análises etnográficas de obras literárias. Acreditamos também que o debate feminista transcende os delineamentos teóricos das ciências sociais, ou seja, a análise de uma obra literária com base nos estudos das teorias feministas induz, em grande medida, a uma visão mais autônoma das questões de poder, e deveríamos, sem dúvida, entender como os seres que são caracterizados por gênero também são socialmente situados.

Vale observar também que muitos debates feministas, segundo Strathern (2006), são fruto de uma experiência vivida, o que torna o relato etnográfico mais autêntico. Porém, não existe uma visão única para a construção de uma análise à luz das teorias feministas, o que torna o estudo plural, ao mesmo tempo que cada perspectiva sugere focos de interesse e de ideologias e, dessa forma, faz sentido formular que os tratamentos direcionados aos homens e às mulheres não deixa de ser uma construção social. Assim, concordamos com Hutt (1972) quando afirma que as diferenças entre os sexos existem e isso é inegável do ponto de vista biológico; agora, se essa diferença deve resultar em um tratamento diferenciado entre homens e mulheres, estamos tratando de uma questão a ser estudada pelas ciências sociais. Desse modo, ao observar o papel da mulher no século XIX e tendo como base os estudos decoloniais da crítica feminista, não podemos deixar de construir

reflexões pelo menos em três direções: 1. entender como estabelecer as diferenças sexuais como um eixo prioritário que é a base de uma luta teórica e política que vai de encontro aos processos discriminatórios de gênero e a favor de diversas formas, sejam elas individuais ou coletivas, de emancipações subjetivas, que visem a ampliação de fronteiras de representações e participações democráticas e que dialoguem com outros temas transversais; 2. tentar revisar as diferenças que existem dentro das próprias linhas do pensamento feminista e que contrastam pontos de vista acerca das mulheres, dos sexos e dos gêneros que possam abrir as portas para o entendimento do feminismo não como uma teoria unitária, mas como sendo plural em suas perspectivas; e, em terceiro lugar, 3. buscar multiplicar as formas que as teorias feministas possam intervir, dialogando através das diversas formas de expressão, linguagens e construção de sentidos, adaptando-se às frentes de debates, e os combates a que os diversos feminismos possam se adaptar. Dessa forma, segundo Grimson (2011), o debate feminista assume que a diferença é produzida por meio dos processos de interação, assim como as intersecções são produzidas nos processos de apropriação, de ressignificação, nas combinações, nas assimilações e na resistência.

O desafio teórico com o qual nos deparamos ao analisar uma personagem como Edna Pontellier é, sem dúvida, assumir o que Lamas (2001) destaca como uma política de identidade de numerosos movimentos que equiparam a opressão com o conhecimento único e verdadeiro, e dialoga com Haraway (1995a) quando tece críticas às teorias feministas que privilegiam, do ponto de vista epistemológico, as mulheres como um grupo social oprimido, como já destacamos anteriormente neste texto. Do seu ponto de vista, Lamas (2001) adverte que ser vítima de opressão sexual não é suficiente para dotar as questões de gênero da potencialidade crítica de articular uma representação do oprimido que cruze com as questões sexuais ou com outras narrativas de poder e de silenciamento.

Devemos então assumir um movimento entre corpos, vivências, relatos e conhecimentos e tentar contrapor diversas vozes e narrativas como também formas e estilos literários, abrindo um leque de possibilidades para dar visibilidade às várias linguagens, mesmo que contraditórias, e assim dar margens para uma sociologia das emergências, que produzem processos de tradução cultural, com tendências a criar inteligibilidades, coerências e articulações em um mundo múltiplo e diverso.

Edna Pontellier transcende a ação sociopolítica que, para algumas linhas feministas, ainda é o mais importante. Ao mesclar a escrita literária e a construção identitária da personagem, Kate Chopin apresenta a necessidade de se entender como as linguagens criativas se alternam, em uma desordem de semioses, em um processo politicamente racional que descortina a comunicação dominante do século XIX, entrecruzando as fronteiras entre as teorias, a estética e a política. A narrativa se constitui por entrecruzamentos entre os diversos *eus* de Edna Pontellier, destacando

a polivocalidade e a heteroglossia da narrativa, uma força descentralizadora que leva o leitor e a leitora a se identificarem com identidades reconhecíveis e processos de estranhamento, fissurando a ortodoxia das construções sociais.

O suicídio de Edna introduz na literatura uma nova forma de subversão contra o projeto patriarcal. A impressão que emerge da mutilação de seu próprio corpo é uma estratégia que produz uma clara simbolização que transcende a diferença e desveste as relações de poder intrínsecas do patriarcado. Um poder que mantém o controle do corpo feminino, que captura a vida social e política com métodos mafiosos. Edna, ao afogar-se, apresenta sua maior força e intimidade para uma sociedade adoecida e sem rumo, onde a crise moral dos sujeitos se reflete em suas existências fúteis, em uma imagem de corpos femininos submetidos e resignados dentro dessa sociedade. Edna, como mulher, é oprimida e busca na morte a melhor forma de subverter essa sociedade que a mantém em cativeiro. É a mulher que está inserida em um sistema opressor, e, ao construir a narrativa, Kate Chopin apresenta sua personagem como uma mulher que busca inovar a estética da recepção de seu público-leitor.

Em suma, o objetivo é apresentar um processo de transformação da condição do corpo feminino subjugado, que busca revelar a mulher-sujeito marcada pela insubordinação aos paradigmas da época, vivenciando formas de decidir e de se impor, formas de sobrevivência; que já não é a mulher megera, como estereótipo dominado, mas surge como modelo inovador de arte e de narrativa literária.

Considerações finais

A partir do que foi discutido neste texto, podemos inferir que, através da narrativa desenvolvida por Kate Chopin no romance *The awakening*, podemos entender o papel da mulher no século XIX na sociedade de Nova Orleans, no sul dos Estados Unidos. O texto, sem dúvida, denuncia a constituição de uma sociedade machista que perpetuava o papel de dominação masculina e silenciamento das mulheres.

Portanto, sem antecipar conclusões ou buscar respostas prontas para as questões femininas que não deixam de ser complexas, buscamos apontar entendimentos de questões da humanidade através da leitura e estudos com o uso da literatura para análises etnográficas, deixando abertas as portas para estudos multidisciplinares que busquem dar visibilidade às vozes menos favorecidas.

As Teorias Decoloniais, em sua essência, buscam o reconhecimento de novos saberes que possam evidenciar as diferenças e as alteridades entre os sujeitos, destacando que o processo de reconhecimento é uma das partes importantes na luta pelos direitos humanos. Se a construção das identidades participa desse processo, negá-las seria influenciar negativamente essa construção, e, dessa forma, a ecologia dos saberes, como na visão de Santos (2010), leva em conta os fragmentos e os

estilhaços de uma sociedade que busca o diálogo, os remendos e as conexões, analisando cada processo em seu próprio contexto.

SOBREIRA, A. C. B. The image of women in the 19th century: does Edna Pontellier reinforce or subvert it? **Itinerários**, Araraquara, n. 54, p. 99-112, jan./jun. 2022.

■ **ABSTRACT:** *This article aims to reflect on the condition of women in the 19th century from the character Edna Pontellier, in the novel *The Awakening*, written by Kate Chopin. In this text, we seek to highlight the importance of literary texts as a tool for the analysis of ethnographic subjectivities, from the reading of cultural symbols as ways of maintaining power and domination. Although fictional texts, they translate, through verisimilitude, the social construction, culture, and history of a given period. Based on dialogues between Decolonial Theories, Border Feminisms, and authors such as Butler (2008), Tarrow (2009), and Caetano (2019), who deal with gender issues, we seek to build tensions between the political, cultural, and ethnic diversities expressed in the novel, avoiding the creation of political subjects that are excluding, but that instead build processes of cultural translation. The use of the novel as a tool for ethnographic studies was supported by authors such as Clifford (2008), Gledson (1986), and Lamaire (1989), among others.*

■ **KEYWORDS:** *Decolonial Theories. Ethnography. Feminisms. Women's Literature.*

REFERÊNCIAS

ALVES, B. M.; PINTANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ANZALDÚA, G. **Bordlands. La Frontera. The new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BAKHTIN, M. **The dialogic imagination**. Austin: University of Texas Press, 1998.

BEAUJOUR, M. **Miroirs d'encre**. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

BHABHA, H. **Nation and Narration**. Londres: Routledge, 1990.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BURKE, P. **A revolução francesa da historiografia**. A Escola de Annales (1929-1989). São Paulo: UNESP, 1991.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

- CLIFFORD, J. **A Experiência Etnográfica** – antropologia e literatura no século XX. 3. ed. Editora UFRJ: 2008.
- CHOPIN, K. **The Awakening. (El despertar)**. Tradução de C. González Groba. Ed. Salamanca: Ediciones Colégio de España, 1899.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola.Sao Paulo. 1996.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**.1ª edição. Editora LTC. 1989.
- GLEDSON. J. **Machado de Assis: ficção e história**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1986.
- GRIMSON, A. **Los Limites de la Cultura**. Critica de las teorías de la identidad. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.
- HARRAWAY, D. **Ciencia, cyborgs y mujeres**. La reinención de la naturaleza. Valencia: Cátedra, 1995a.
- HARRAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995b.
- HUTT, C. **Males and Females**. Harmondsworth: Penguin Books, 1972.
- KEMPADOO, K. Globalizing Sex Worker Rights. *In*: KEMPADOO, K.; DOEZEMA, J. (orgs.) **Global Sex Workers: Rights, Resistance and Redefinition**. Nova Iorque, Routledge, 2005. p. 1-28.
- KLAPISCH-ZUBER, C. As normas do controlo. *In*: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres: a Idade Média**. São Paulo: Afrontamento, 1990. p. 25-28.
- LAMAIRE, R. M. The Semiotics of private and public matrimonial systems and their discourse. GLENTE, K. (ed.). **Female Power in the Middle Ages**. Reitzel: Kopenhagen, 1989. p. 77-104.
- LAMAS, M. De la autoexclusion al radicalism participativo. Escenas de um processo feminista. **Debate Feminista**, Mexico-DF, n. 23, p. 97-124, 2001.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. Cultura, língua e emergência dialógica. **Revista Letras e Letras**, Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 289-306, jul./dez. 2010.
- OPITZ, C. O quotidiano da mulher no final da idade média. *In*: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres: a Idade Média**. São Paulo: Afrontamento, 1990. p. 353-440.
- ROSALDO, R. **Culture & Truth. The remaking of social analysis**. Boston: Beacon Press, 1989.
- SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo. Livraria Quatro Artes, 1969.

SANTOS, B. de S. **Refundación del estado en América Latina:** perspectivas desde una epistemología del Sur. Instituto Internacional del Derecho y Sociedad. Programa Democracia y Transformación Global. Lima, julio de 2010. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Refundacion%20del%20Estado_Lima2010.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

SILVA, L. A. V. **Salud y producción de sentidos en lo cotidiano: prácticas de mediación y translingüística bakhtiniana,** Interface - Comunic, Saúde, Educ, v.7, n.13, p.135-48, 2003.

STEIN, I. **Figuras Femininas em Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

STRATHERN, M. **O gênero da dádiva:** problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Tradução de André Villalobos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

